

L'amant: *Autobiografia (im) possível de Marguerite Duras*

Mara Elisa Matos Pereira

O interesse crescente do público leitor por uma categoria de escritos que se apresentam sob o rótulo geral de literatura confessional tem sido marcante na atualidade. São memórias, relatos pessoais, confissões, autobiografias que procuram evocar com fidelidade particular a vida de alguém e têm uma predileção especial pelo passado em relação ao presente e futuro.

Freqüentemente as páginas desse tipo de literatura vêm plenas de lembranças da infância e memórias afetivas das quais os narradores emergem voluntariamente, estabelecendo, a partir de suas lembranças, um importante contrato de leitura, que tem como base a confiança. O autor firma-o com o leitor no sentido de garantir que seu texto seja lido, não como um produto exclusivo de sua imaginação, mas como resultado da reflexão que ele faz de sua vida e de si mesmo. Conseqüentemente, tal tipo de literatura tem como centro de suas considerações o Sujeito e seu discurso.

Os estudos teóricos que buscam normatizar e classificar os textos que constituem a literatura confessional também ocupam um lugar de destaque na atualidade. São estudos que procuram analisar o desenvolvimento dos gêneros que a compõem, desde sua total constituição, que coincide com o estabelecimento da sociedade burguesa no século XVIII, até os dias atuais, enfatizando sua problemática crescente.

Uma forte tendência dos estudos contemporâneos é o questionamento das noções tradicionais desses gêneros. Considerando a

problematização que vêm sofrendo conceitos como sujeito, referência, realidade, ficção e linguagem que estão na base da sua constituição, é claro que essas noções tradicionais não podem mais se sustentar. Os estudiosos, então, têm buscado, através do estabelecimento de novas concepções que substituam os antigos conceitos e da análise das configurações dos textos da literatura íntima atuais, um novo caminho para a delimitação dos gêneros que constituem a literatura confessional.

Um dos gêneros que mais se sobressai dentro da literatura confessional é a autobiografia, que pode ser definida como relato retrospectivo em prosa que uma pessoa *real* faz de sua própria existência, enfatizando sua vida pessoal e, particularmente, a história de sua personalidade. O historiador de si mesmo deseja fazer o próprio retrato e esforça-se para dar uma expressão total e coerente de todo seu destino. A autobiografia exige que o homem se distancie de si mesmo, a fim de que possa reconstituir, em uma unidade, a sua identidade através do tempo.

Mas a autobiografia não é simplesmente a recapitulação do passado, tal qual ele foi. A recapitulação do vivido pretende valer como o próprio vivido, mas revela somente uma imagem figurada, já distante, incompleta. Porque homem, que se lembra do seu passado, não é a mesma criança, ou adolescente que viveu esse passado. A passagem da experiência imediata para uma recordação, na consciência, é suficiente para mudar sua significação, produzindo uma nova modalidade de ente. O passado rememorado perde sua consistência, mas ganha uma nova e íntima participação na vida pessoal e pode, assim, depois de estar longo tempo disperso, se descobrir e se reagrupar.

O homem que empreende escrever suas memórias parece fazer o papel de historiador, e as dificuldades encontradas podem ser superadas com um certo grau de objetividade e imparcialidade. É necessário, certamente, que ele lute contra as deficiências da memória e as tentações da mentira. Somente uma posição de rigidez moral pode garantir a realidade dos fatos. Pura ilusão! A maioria dos autobiográficos, que encaram dessa maneira o trabalho autobiográfico, esquecem a dificuldade que envolve a manutenção da objetividade, da imparcialidade e, principalmente, da sinceridade. Esquecem, também, que, ao transformar suas vivências em uma narrativa, o indivíduo fica limitado a transmitir apenas uma versão, uma visão de si mesmo, criando, com isso, uma ilusão de globalidade, pois o discurso autobiográfico não tem o poder de trazer, para o interior do texto, a complexidade da existência de um indivíduo.

O teórico francês Philippe Lejeune empreendeu uma série de estudos a respeito do gênero autobiográfico. Em sua obra *Le pacte autobiographique* de 1975, ele propõe uma definição para autobiografia que se constitui por um conjunto de traços mais ou menos comuns aos textos autobiográficos e coloca em jogo elementos pertencentes às seguintes categorias:

1. forma de linguagem:
 - a) narração
 - b) em prosa;
2. assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade;
3. situação do autor: identidade do autor e do narrador;
4. posição do narrador:
 - a) identidade do narrador e da personagem principal;
 - b) perspectiva retrospectiva da narração.

Através de tais categorias, o autor de *Le pacte autobiographique* realiza a oposição entre a autobiografia e os outros gêneros que compõem a literatura confessional. Ele observa que os outros gêneros podem preencher uma ou outra categoria, de maneira gradual, aproximando-se mais ou menos do texto autobiográfico. Entretanto, as categorias número três e número quatro não admitem uma gradação em seu preenchimento, sendo assim decisivas para o estabelecimento da identidade do texto autobiográfico.

A autobiografia é um discurso referencial, isto é, o conteúdo do texto procura descrever uma realidade que existiu fora do texto. Eis o projeto da autobiografia. Seria ele viável? Atualmente as discussões teóricas têm chamado atenção para os problemas que envolvem esse tipo de discurso. A linguagem não tem o poder de trazer a realidade para o interior do texto. Ela só pode oferecer relatos textualizados e interpretados, e nunca o real, tal como ele é.

Considerando a problemática da referência, pode-se constatar que a autobiografia clássica, que apresenta uma narrativa bem determinada, se afasta bastante da referência que é seu objeto, pois, através da determinação, ela confere uma máscara de sentido ao que está sendo narrado, que realidade nenhuma possui. Projetos autobiográficos que se desenvolvem nesse sentido, deixam de lado a questão da relação entre linguagem e realidade.

O outro caminho a ser seguido pelo projeto autobiográfico é aquele que coloca na sua base essa problemática. O autobiógrafo tem consciência, que ao relatar sua vida, apesar de a ter como referência, não pode trazê-la para dentro do texto. Bem como, ao procurar traçar seu perfil, está na realidade construindo uma imagem.

Quanto mais ele procura aproximar-se de si mesmo, para desvendar-se através da enunciação, mais ele tem consciência de sua incapacidade de fazê-lo integralmente. Ao construir-se, através do discurso, ele confere sentidos a sua vida e a si mesmo que são posteriores ao momento de contexto de sua narrativa. A autoconsciência é posterior à vivência, então, ele só pode oferecer, na constituição de seu projeto, uma interpretação de si e de sua vida e não ele mesmo e sua história.

O projeto de autobiografia desenvolvido nesse tipo de texto afasta-se daquele que objetiva principalmente a reconstituição de uma unidade de vida através do tempo. O autobiógrafo deve percorrer um caminho que o conduza a si mesmo, mais do que recapitular o passado e desenvolver uma avaliação no sentido de saber se valeu ou não a pena ter vivido. Afasta-se também da coerência lógica e da racionalização. A narrativa, nesse caso, não parte de um problema resolvido (a vida já vivida), não dá sentido aos eventos, não seleciona os fatos a serem relatados partindo de um postulado de sentido pré-determinado, porque o ponto de partida é a indeterminação. A narrativa assume um sentido de busca, isto é, os fatos apresentados não são selecionados para fundamentar um sentido já existente, ao contrário, o autobiógrafo busca o significado dos fatos. Existe uma inversão de foco. O autor, ao invés de partir da idéia de reconstituição de seu passado para explicar aquilo em que se tornou, através da apresentação do percurso de sua vida, da construção de sua personalidade, parte da pergunta: Quem sou? E rememora em busca da resposta.

Esse projeto autobiográfico resulta em textos de configuração inovadora em relação às autobiografias clássicas, onde o sujeito do discurso detém o conhecimento. Aqui ele conduz, ao mesmo tempo que é conduzido, e o texto é carregado de indagações. O texto torna-se o espaço onde o sujeito busca sua construção, através do discurso, construção essa que deixa à mostra a perplexidade daquele que se propõe, a si mesmo como objeto de análise.

O texto *L'amant*, da escritora francesa Marguerite Duras, publicado em 1984, permite a observação desse projeto autobiográfico, baseado muito mais na ausência de conhecimento e na busca do que na construção de um relato que explique um conhecimento já estabelecido.

Para o desenvolvimento de uma análise de tal projeto deve-se retomar os pressupostos apresentados por Lejeune¹ que dizem respeito às quatro categorias propostas por ele, às quais pertencem

os elementos que compõem a definição de gênero autobiográfico: 1. forma de linguagem – a) narração, b) em prosa; 2. assunto tratado – vida individual, história de uma personalidade; 3. situação do autor – identidade do autor e do narrador e 4. posição do narrador – a) identidade do narrador e da personagem principal, b) perspectiva retrospectiva da narração.

A primeira delas a ser avaliada em *L'amant* se refere, na verdade, a uma categoria e meia, pois envolve, primeiro, a posição do narrador (narrador = personagem principal) e, depois, a situação do autor (autor = narrador). Resultando daí a identidade de autor, narrador e personagem principal. A existência dessa identidade é decisiva para a definição do texto como autobiográfico. A segunda, que diz respeito ao assunto tratado no texto, conduz à análise da maneira como o sujeito se constrói e é construído no texto, considerando que ele é seu próprio assunto. A terceira engloba a categoria que se refere à forma de linguagem, narração em prosa, e o item *b* da categoria que trata da posição do narrador, a perspectiva retrospectiva da narração.

A identidade narrador/personagem é explícita no texto, através do uso da 1ª pessoa do singular (Eu). Já aquela que se refere à situação do autor, narrador = autor, tem seu estabelecimento mais dificultado. Considerando, entretanto, que a definição de autobiografia, segundo Lejeune,² pode ocorrer pelo modo de leitura estabelecido através do pacto firmado entre autor e leitor, mais do que pela escritura do texto, observa-se que tal procedimento acontece no texto *L'amant*. Conseqüentemente, a análise deve ultrapassar as considerações sobre a semelhança do que está sendo relatado com a vida do autor, ao mesmo tempo que não pode limitar-se à análise interna do texto, para considerar todo o conjunto que envolve a sua publicação. É, portanto, o pressuposto de que se deve considerar o texto na globalidade de sua publicação, que permite a afirmação da identidade autor – narrador em *L'amant*.

Porém, como a análise deve levar em conta toda a situação da publicação, a identidade pode ser estabelecida. A biografia de Marguerite Duras, escrita por Lebelley,³ traz informações a respeito do contexto da publicação do texto. Sua primeira edição suscitou diversas entrevistas com Marguerite Duras, nas quais ela fala a respeito dos fatos de sua infância e adolescência relatados em *L'amant*. É, portanto, de forma indireta, através do confronto entre

¹ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

² LEJEUNE, Philippe. Op. cit., nota 1.

³ LEBELLEY, Frédérique. *Uma vida por escrito*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

o texto *L'amant*, a biografia e as entrevistas da autora que se estabelece o pacto de leitura.

Outro ponto que se deve salientar é a importância do contexto que envolve a publicação da obra e do conhecimento de outros trabalhos de um autor que se propõe escrever uma autobiografia, em que a personagem principal não tem nome e o pacto autobiográfico é estabelecido fora do texto. Esse procedimento é importante, porque, se a autobiografia é definida como forma de leitura, e o leitor deve estar avisado da maneira como deve ler o texto, o leitor que não conhecer as obras em que a autora se refere ao texto *L'amant*, ou não conhecer o contexto da publicação do livro, não pode ter a certeza de estar diante de uma autobiografia.

Assim o grau de conhecimento do leitor a respeito do contexto da publicação de uma obra, ou de outras obras de um autor, também possui um papel fundamental na definição de um texto como autobiográfico. Esse grau de conhecimento pode ser estendido aos dados da vida do autor do texto autobiográfico. Um leitor que tem informações sobre o autor do livro que está lendo e que se depara com elas ao longo de sua leitura, está muito mais inclinado a considerar o relato em questão como sendo autobiográfico. Mesmo que a semelhança entre os fatos reais e os fatos relatados não seja o critério básico de definição da autobiografia.

A constituição de um texto autobiográfico passa, inevitavelmente, pela construção de uma noção de sujeito específica. O assunto central desse tipo de texto é o próprio sujeito que o constrói. A partir do momento que o sujeito emite o discurso e declara-se objeto dele, constrói-se uma estrutura reflexiva que divide espaço com a narração. O sujeito passa a ser dois, identificados, mas separados. De um lado aparece o sujeito da enunciação, o narrador, que constrói o discurso autobiográfico, de outro, o sujeito do enunciado, a personagem, que é construída através da enunciação. Entre os dois existe um espaço que não pode ser transposto. Eles são o mesmo sujeito, separados, entretanto, pelo processo de reflexão e de reconstrução. Um constrói, o outro é construído; um determina, o outro é determinado.

A autobiografia, como discurso literariamente intencionado, traz uma noção de indivíduo inerente ao texto: aquela adotada pelo autor. O discurso e a narrativa servem como ilustradores da concepção adotada pelo autor, pois, como elementos determinadores, eles não têm o poder de trazer, nem a pessoa do autor para dentro do texto, nem a totalidade de sua história. Eles só podem determinar uma idéia de indivíduo e uma visão da história de sua vida. A seleção, própria do discurso, funda o texto, está na sua

base. Em *L'amant*, Marguerite Duras só pode expressar uma noção do que ela acredita ser Marguerite Duras.

Em *L'amant*, o sujeito da enunciação, narrador, aparece identificado com o autor, Marguerite Duras, através do pacto firmado entre ela e seus leitores. Essa identificação, porém, não significa que esse sujeito seja a própria Marguerite Duras. O autor, como sujeito do conhecimento não pode ser equiparado ao sujeito da enunciação, pois a nível de enunciação é necessário que ocorra uma determinação, isto significa que o que é apresentado no texto é, na verdade, resultado de uma seleção feita pelo autor.

O tipo de intenção que motiva o autor a escrever o texto é que controla a determinação do discurso. Assim, voltando à questão da concepção do texto autobiográfico, a intenção é igual à idéia que o autor tem de autobiografia e ao objetivo que ele tem ao escrevê-la. Foi colocado, no início da análise de *L'amant*, que o texto de Marguerite Duras foi construído sobre a idéia de busca de sentido, mais do que de fundamentação de um sentido predeterminado. Ele parte da questão: Quem eu sou? E não da proposição: Sou assim porque... Esse é o primeiro fator determinante do discurso desenvolvido. A autora escolhe partir da indeterminação e, se o seu discurso justifica alguma coisa, é justamente essa indeterminação, essa falta de concepção predeterminada de si mesmo, estampada na questão motivadora da enunciação.

A busca de sentido, empreendida em *L'amant*, conduz a um processo de reflexão intenso que divide espaço, no texto, com a narrativa. Tal processo aparece no sentido de estabelecer uma interpretação do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado. O leitor de *L'amant* se depara então com um sujeito que desenvolve uma auto-interpretção e que busca, nos eventos relatados, os elementos necessários para realizá-la.

A opção de realizar, através da enunciação, um processo exploratório e interpretativo deixa clara a concepção de autobiografia que está na base do texto, que fundamenta *L'amant* e justifica o processo desenvolvido, onde os fatos relatados só possuem relevância enquanto portadores de um sentido que contribua para responder à questão: Quem sou eu? A narrativa, então, está subordinada à reflexão e à interpretação.

Quem enuncia uma narrativa de incidência autobiográfica, como *L'amant*, coloca-se numa posição de centralidade, em relação ao universo representado, e acentua o caráter exemplar das experiências que viveu. Por isso, a personagem, sujeito do enunciado e produto da enunciação, aparece ocupando um lugar de destaque

no enunciado e o discurso está, desde o início, amarrado a sua imagem.

Considerando que a narração não segue uma linearidade temporal, a personagem-narradora muda de rosto constantemente, ora é adulta, ora é criança, ora é adolescente e isso lhe confere outra autoridade, além daquela de ser elemento catalisador do discurso: a de ter feito um percurso de vida que a estimula a um relato elaborado da sua vida, da travessia do rio.

Os sentimentos que definem a constituição de sua personalidade são sempre os mesmos: o amor pela mãe e pelo irmão mais novo (p. 129-130), o ódio pelo irmão mais velho (p. 13-14), o medo (p. 13), a percepção da loucura da mãe (p. 40), a tristeza (p. 57), o desejo (p. 55, 91-92) são sentimentos que desempenham o papel fundamental na construção da personagem. A razão, o intelecto ficam fora, pois são os primeiros, nesses momentos, que imperam.

O relato se dá sempre no sentido de colocar em relevância, justamente, o ambiente pouco racional em que a personagem transita. Em um espaço onde as emoções exercem papel tão fundamental, a ausência delas não cede espaço à razão. O sujeito do enunciado se configura ou como emoção ou como vazio. Dele o narrador só pode falar enquanto ser emocional, só assim o narrador pode compreendê-lo e construí-lo:

"Dans les histoires de mes livres qui se rapportent à mon enfance, je ne sais plus tout à coup ce que j'ai évité de dire, ce que j'ai dit, je crois avoir dit l'amour que l'on portait à notre mère mais je ne sais pas si j'ai dit la haine qu'on lui portait aussi et l'amour qu'on se portait les uns les autres, et la haine aussi, terrible, dans cette histoire commune de ruine et de mort qui était celle de cette famille dans tout les cas, dans celui de l'amour comme dans celui de la haine et qui échappe encore à tout mon entendement, qui m'est encore inaccessible, cachée au plus profond de ma chair, aveugle comme un nouveau-né du premier jour. Elle est le lieu au seuil de quoi le silence commence. Ce qui s'y passe c'est justement le silence, ce lent travail pour toute ma vie. Je suis encore là, devant ces enfants possédés, à la même distance du mystère. Je n'ai jamais écrit, croyant le faire, je n'ai aimé, croyant aimer, je n'ai jamais rien fait qu'attendre devant la porte fermée" (p. 34-35).⁴

⁴ "Nas histórias de meus livros que se referem à minha infância, eu não sei mais o que evitei de dizer, o que eu disse, eu acredito ter falado do amor que tínhamos por nossa mãe mas eu não sei se eu falei do ódio que também tínhamos dela e do amor que tínhamos uns pelos outros, o do ódio também, terrível, nessa história comum de ruína e de morte que era a daquela família, a história do amor como a do ódio e que escapa ainda à minha compreensão, é ainda inacessível para mim, escondida nas

Em certos trechos do texto ocorre, ainda, uma divisão entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Ela se dá quando o narrador passa a tratar a personagem principal por Ela. A ocorrência dessa divisão, mesmo sendo algo bastante freqüente, não prejudica a identidade estabelecida entre narrador e personagem principal, mas confere sentidos novos à questão da construção dos sujeitos e do discurso autobiográfico.

O autobiógrafo, ao construir seu discurso, não está apenas comunicando seu passado, na verdade ele está revelando-se a alguém. Essa idéia de revelação ao outro está na base da construção do discurso autobiográfico. Esse desenvolve-se em duas direções, buscando, ou o inconfessável, ou o inefável.

Com relação ao inconfessável, não cabe averiguar até que ponto ele condiz com a realidade vivida pelo autor. Já foi observado ao longo deste trabalho que, por mais que o autobiógrafo se proponha a dizer a verdade, a sinceridade é uma postura de difícil manutenção. Vários são os fatores que limitam o autor de uma autobiografia, ao tentar rememorar o seu passado, a própria rememoração por exemplo. No caso da confissão, a situação é ainda mais delicada, pois se soma à tarefa de reconstituição de um evento a tensão de revelar algo íntimo, jamais dito. A objetividade, em tal situação, não tem nenhum efeito.

Quanto ao inefável, o problema se concentra, não na tensão da revelação, mas na impossibilidade de realizá-la. O autor da autobiografia jamais conseguirá fazer seu leitor compreender os minutos de poesia ou de revelação que viveu em certas situações de sua vida. O relato não pode trazer de volta a força de um momento vivido pelo autor. Se, ao lidar com o inconfessável, ele luta com seus pudores, quando ele lida com o inefável, ele luta com a força limitadora da linguagem.

L'amant revela-se campo dessas duas lutas travadas por Marguerite Duras. Primeiro, ela constrói seu relato em torno de sua primeira experiência sexual; segundo, ela tenta determinar, para os leitores e para ela também, toda gama de emoções e sentimentos resultantes de sua experiência de vida.

profundeza da minha carne, cega como um recém nascido de um dia. É o limiar onde começa o silêncio. O que acontece é justamente o silêncio, esse lento trabalho de toda a minha vida. Ainda estou lá, na frente daquela crianças possessas, à mesma distância do mistério. Jamais escrevi, acreditando escrever, jamais amei, acreditando amar, jamais fiz coisa alguma que não fosse esperar diante da porta fechada" (tradução nossa).

Ao confessar sua primeira experiência sexual, Marguerite Duras desenvolve um discurso de superação de pudores morais. Tal processo transcorre ao longo das páginas do livro. Ela começa dizendo:

"J'ai beaucoup écrit de ces gens de ma famille, mais tandis que je le faisais ils vivaient encore, la mère et les frères, et j'ai écrit autour d'eux, autour de ces choses sans aller jusqu'à elles" (p. 14).⁵

"Ici je parle des périodes cachées de cette même jeunesse, de certains enfouissements, que j'aurais opérés sur certains sentiments, sur certains événements. J'ai commencé à écrire dans un milieu qui me portait très fort à la pudeur. Ecrire pour eux était encore moral" (p. 14).⁶

É dessa maneira que o leitor é preparado para as confissões que serão feitas no desenrolar do relato. O narrador coloca que só naquele momento, naquele texto, que é possível finalmente confessar a verdade ao seu respeito. A moral e a família estão finalmente superadas e não podem mais exercer um poder de censura.

Ao trazer à tona o que antes para ele era impossível de confessar, o narrador se depara com o inefável, o que explica suas constantes indagações a respeito da possibilidade da escrita poder realmente comunicar tudo o que ele está tentando dizer a seu respeito e a respeito de sua vida.

É justamente no jogo que Marguerite Duras desenvolve com o inconfessável e o inefável, que a separação entre narrador e personagem principal encontra seu sentido, pois é em momentos em que o relato aborda situações de intimidade, de tensão e emoção que essa divisão ocorre.

Em situações como essa, o narrador procura se distanciar, em um primeiro momento, buscando a objetividade ou a impessoalidade que parecem difíceis de alcançar enquanto ele está identificado com a personagem principal. A busca da distância, através da quebra de identidade entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado, revela um desejo de capacidade de determinação por parte do narrador. Não a determinação das sensações lembradas, mas da ação propriamente dita. A divisão, pois, confirma a

limitação que subjuga o narrador no momento de relatar as situações de profunda intimidade ou de inefabilidade. Ele recorre a ela como recurso para atingir uma impessoalidade que lhe facilita a confissão de início.

É importante observar, no entanto, que em nenhum momento o narrador abdica da identidade com a personagem principal, não é o pudor que o conduz ao rompimento com ela, esse funciona mais como constituição de um olhar externo que busca a totalidade da cena para transmiti-la ao leitor. É porque o narrador assume sua incapacidade de abarcar o todo de um fato, enquanto identificado com um dos agentes, que ele procura no distanciamento as condições que ele julga ideais para transmiti-lo ao leitor.

Nessa busca do olhar externo, na bipartição eu/ela, pode-se constatar, também, o desmascaramento da situação em que se encontra o sujeito da enunciação e sua relação com o sujeito do enunciado. Na quebra da identidade e no estabelecimento da personagem como um outro é revelada a consciência que o narrador tem do objeto de sua narrativa. Na verdade, esse objeto, a personagem, não é mais ele, mas também não é o que ele foi. É um produto de seu olhar e de sua interpretação. É uma construção do seu imaginário.

A opção pela bipartição tem o poder de desmascarar o vazio que existe entre narrador e personagem no texto autobiográfico. A identificação sujeito da enunciação/sujeito do enunciado, pré-requisito básico para a definição da autobiografia, é, nessa instância, posta em cheque. Só se pode falar de si mesmo enquanto um outro, o sujeito não pode ver a si mesmo, só pode produzir uma imagem daquilo que foi ou pensa ser.

O processo de construção do relato autobiográfico em *L'amant* e, principalmente, o que se pode perceber do trabalho de rememoração desenvolvido são também elementos importantes para a análise do projeto autobiográfico de Marguerite Duras. Considerando que a memória é a única ponte que liga o sujeito da enunciação ao sujeito do enunciado, tempo presente do discurso e tempo passado da narrativa, é ela, então, que ocupa o espaço central na articulação dos eventos relatados e em sua determinação.

Esse processo de rememoração, próprio da autobiografia, também serve como índice da concepção de texto autobiográfico e de sujeito pertencentes ao autobiógrafo. Textos que colocam em relevo a tensão existente entre o presente (a enunciação) e o passado (o enunciado), a impossibilidade do resgate total do vivido para transformá-lo em relato, por causa das limitações da memória, são textos que fogem à definição de autobiografia clássica, onde o su-

⁵ "Eu escrevi bastante sobre a minha família, mas enquanto o fazia eles ainda estavam vivos, a mãe e os irmãos, e eu escrevi em torno deles, em torno dessas coisas sem chegar até elas" (tradução nossa).

⁶ "Aqui eu falo dos períodos secretos dessa mesma juventude, das coisas que oculte sobre certos fatos. Eu comecei a escrever em um meio que me obrigava ao pudor. Escrever, para eles, era ainda moral" (tradução nossa).

jeito da enunciação centraliza o conhecimento e domina sua vida na globalidade. Os textos que resultam da concepção de autobiografia clássica, ao contrário, tentam diminuir a tensão estabelecida entre presente e passado, através de um discurso seguro e uma narrativa cronologicamente bem ordenada e amarrada. Geralmente, eles começam relatando os primeiros anos da vida do narrador-personagem e acompanham seu desenvolvimento ao longo dos anos. São textos que passam uma idéia de segurança, de confiabilidade, ao leitor, mas, ao mesmo tempo, parecem artificiais, estáveis demais para serem resultado de um processo tão problemático quanto o da rememoração.

Os textos autobiográficos que não procuram mascarar a complexidade do processo de que são produtos, apresentam-se, geralmente, menos ordenados e supostamente menos confiáveis. É o caso de *L'amant* que se propõe a ilustrar o processo de rememoração e o faz com propriedade. Ao fazê-lo, ele coloca em destaque a situação de vulnerabilidade em que se encontra aquele que deseja executar o projeto autobiográfico e o quanto o sucesso da tarefa de resgatar o vivido é incerto.

O narrador joga o tempo todo com opostos: determinação/in-determinação, certeza/dúvida, esquecimento/recordação. Ele alterna seqüências com ordem cronológica a outras que são articuladas conforme o fluxo de suas reflexões. *L'amant* não possui, então, uma seqüência de eventos cronologicamente narrados sobre a vida de alguém, de sua infância à maturidade. Os fatos da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice estão espalhados no texto, ligados pela reflexão do narrador. Apenas uma seqüência de fatos deve ser considerada de maneira diferente. É a que se refere à primeira experiência sexual da personagem narradora com o chinês. Essa seqüência é o esqueleto da narrativa, o que existe de mais determinado, o núcleo. Os outros acontecimentos narrados no texto estão muito mais ligados ao discurso do que à narrativa.

A fragmentação do texto, porém, não impede que o leitor concretize, através da leitura, o trajeto percorrido pela personagem-narradora ao longo de sua vida. Ao concretizá-lo o que se pode concluir, em uma primeira instância, é que esse percurso se encontra repleto de lacunas. Sabe-se muito pouco da história da vida do sujeito em questão, exceto o que ele fez entre os 15 e os 17 anos.

Tal constatação deve suscitar a reflexão de que, se a autobiografia é o relato da história da vida de um indivíduo por ele mesmo, *L'amant* possui uma carência de informações excessiva para ser considerado como tal. Por outro lado, se a autobiografia é a história da gênese de uma personalidade, *L'amant* corresponde

exatamente a essa expectativa, pois, tanto a escolha, quanto a articulação da narrativa, é organizada pelo sujeito da enunciação no sentido de trazer à tona os dados que explicam a constituição da personalidade da personagem-narradora, sejam eles vivências ou sentimentos.

O processo de rememoração do vivido, apresentado no texto, surge como possibilidade de resgate dos elementos que podem oferecer ao sujeito da enunciação a possibilidade de compreender sua vida, de interpretar sua gênese e desenvolvimento. O relato tem a função de desvendar, ao narrador, o sentido de sua vida. Assim o leitor tem diante de si, não a história de um indivíduo, mas a ilustração de um processo de busca, desenvolvido pelo próprio indivíduo, que objetiva encontrar nos eventos vividos um sentido que explique quem é ele e o que foi sua vida.

Nesse sentido, *L'amant*, como texto autobiográfico, oferece, ao leitor, uma visão da construção do projeto autobiográfico. O leitor é mais que um espectador, ele é cúmplice na construção da narrativa. Essa cumplicidade se confirma, primeiro, no tom assumido pelo narrador: as expressões de dúvida constantes no texto atestam a vulnerabilidade do sujeito e, se por um lado criam uma certa desconfiança com relação à exatidão dos fatos narrados, por outro, provocam a solidariedade do leitor, que pode partilhar com o narrador de suas inseguranças. Depois, ao leitor cabe costurar os dados esparsos no texto e com eles montar uma idéia global da história da vida da personagem-narradora. e finalmente, ela se confirma no fato de que, ao realizar a tarefa de organização das informações apresentadas, o leitor se vê no mesmo patamar que o narrador, que renuncia a um conhecimento prévio, para afirmar:

"Je crois que ma vie a commencé à se montrer à moi. Je crois que je sais déjà me le dire, j'ai vaguement envie de mourir. Ce mot, je ne le sépare déjà plus de ma vie. Je crois que j'ai vaguement envie d'être seule, de même je m'aperçois que je ne suis plus seule depuis que j'ai quitté l'enfance, la famille du Chasseur. Je vais écrire des livres. C'est ce que je vois au-delà de l'instant, dans le grand désert sous les traits duquel m'apparaît l'étendue de ma vie" (p. 126).⁷

⁷ "Eu acredito que minha vida começou a se mostrar para mim. Eu acredito que já começo a me conhecer, tenho já o vago desejo de morrer. Essa palavra jamais a separei da minha vida. Creio que tenho vago desejo de ficar só, assim como compreendo que nunca mais estive sozinha desde que deixei a infância, a família do Caçador. Vou escrever livros. É isso que vejo para além daquele instante, no grande deserto, sob cujos traços contemplo a extensão da minha vida" (tradução nossa).

Dessa maneira, o narrador persuade o leitor de que os dois estão no mesmo patamar de conhecimento. O significado de sua vida, que ele está relatando, se revela a ele no instante da escritura, que coincide, de certa forma, com o momento da leitura. O que resulta desse desvendamento simultâneo também é o estabelecimento de uma relação de cumplicidade entre narrador e leitor.

L'amant se apresenta, então, como um texto que traz, para o seu interior, o processo de redescoberta do passado. O narrador procura persuadir o leitor de que processo e escritura acontecem simultaneamente. A rememoração, nesse caso, não precederia à construção do enunciado. Dessa forma ele procura ilustrar o funcionamento imprevisível da memória: "Je me souviens, à l'instant même où j'écris, que notre frère aîné n'était pas à Vinhlong quand on lavait la maison à grand eau" (p. 77).⁸

Como se pode observar, o narrador persegue, com seu discurso, o fio da memória e como essa não se estrutura como uma história, pois apresenta uma carência de articulação, uma riqueza e uma complexidade que uma narrativa linear não pode revelar, o resultado, em termos de escritura, só se pode configurar fragmentado, incerto e repleto de lacunas.

A opção de desenvolver uma escritura que busca mais se revelar em sua construção, do que narrar eventos da vida do narrador-personagem, não significa, contudo, que o sujeito está renunciando ao projeto autobiográfico. O projeto existe e se fundamenta na idéia da busca de identidade, tanto quanto em qualquer outro texto autobiográfico.

Em *L'amant* a busca da identidade se dá através do resgate de eventos que oferecem um sentido a mais à constituição da personagem-narradora. Na passagem anteriormente citada (p. 126) ela diz que o reencontro com a solidão da infância proporciona-lhe, finalmente, o poder de tentar desvendar-se. É isso só parece ser possível através da renúncia de um relato extensivo, para a centralização na narrativa de eventos específicos, distribuídos ao longo de sua vida, e na análise de sua relação familiar.

É interessante observar o quanto o processo de recapitulação, desenvolvido pelo narrador, está centrado nas relações afetivas estabelecidas no seio da família, abandonada por ele tão cedo. O distanciamento temporal e discursivo possibilita, finalmente, o grau de determinação da identidade do narrador conferido por essas relações.

⁸ "Eu me recordo, no instante mesmo que escrevo, que meu irmão mais velho não estava em Vinhlong quando nós lavávamos a casa" (tradução nossa).

A insistência em falar da situação da família, da relação com a mãe e com os irmãos indica não só o desejo de relatar como as coisas aconteceram, mas de encontrar a fonte onde sua personalidade se originou. Pode-se concluir que o narrador de *L'amant* prefere refletir ao invés de narrar. A narrativa é um pretexto para o desenvolvimento de uma auto-análise, por isso sua construção está completamente subordinada ao processo de reflexão que o sujeito da enunciação desenvolve ao longo do texto.

Assim *L'amant*, como texto autobiográfico, tenta desfazer a ilusão que a autobiografia clássica procura afirmar. O texto procura revelar, através do discurso fragmentado do sujeito da enunciação e da construção da narrativa, a impossibilidade de realização da autobiografia enquanto relato de uma vida, sem que esse relato se constitua como afastamento de sua referência e se ficcionalize. Quanto mais próximo se encontra o sujeito da referência que é objeto de sua enunciação mais ele tem dificuldade de emitir um relato bem determinado.

Através de todas essas constatações é que se pode concluir que *L'amant* representa um avanço para a definição do gênero autobiográfico, porque ele problematiza sua definição, já que questiona a possibilidade da constituição de uma narrativa autobiográfica e desenvolve um projeto autobiográfico que privilegia a interpretação, ao contrário de cumprir a expectativa do leitor que deseja conhecer a vida do sujeito criador-narrador, através da leitura de um texto autobiográfico.

Referências bibliográficas

- DURAS, Marguerite. *L'amant*. Paris: Minuit, 1984.
LEBELLEY, Frédérique. *Marguerite Duras, uma vida por escrito*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.